

Helena





MACHADO DE ASSIS

Helena

TEXTO INTEGRAL

Cotejado com a edição crítica
do Instituto Nacional do Livro

Apresentação de

Ana Maria de Almeida

gerente editorial Fabricio Waltrick
editor assistente José Muniz Jr.
assistente editorial Grazielle Veiga
assistente de arte Thatiana Kalaes
coordenadora de revisão Ivany Picasso Batista
revisoras Alessandra Miranda de Sá e Beatriz C. Nunes de Souza
projeto gráfico Fabricio Waltrick e Luiz Henrique Dominguez
coordenadora de arte Soraia Scarpa
edição eletrônica Luiz Henrique Dominguez

imagem da capa Ouro flexível, 2006, obra de Laura Lima

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A866h
27.ed.

Assis, Machado de, 1839-1908
Helena / Machado de Assis. - 27.ed. - São Paulo : Ática, 2012.
192p. - (Bom Livro)

Inclui apêndice e bibliografia
ISBN 978-85-08-15419-7

1. Romance brasileiro. I. Título. II. Série.

10-3192.

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

ISBN 978 85 08 15419-7 (aluno)
ISBN 978 85 08 13200-3 (professor)
Código da obra CL 737836

2012
27ª edição
1ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 | CEP 02909-900 | São Paulo | SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 | atendimento@atica.com.br
www.atica.com.br | www.atica.com.br/educacional

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Sumário

Um jogo dissimulado 7

Advertência 13

I 15

II 19

III 25

IV 30

V 34

VI 38

VII 47

VIII 53

IX 59

X 64

XI 69

XII 71

XIII 77

XIV 81

XV 86

XVI 91

XVII 98

XVIII 102

XIX 107

XX 112

XXI 115

XXII 122

XXIII 127

XXIV 132

XXV 139

XXVI 144

XXVII 148

XXVIII 152

Vida & obra 161

Resumo biográfico 187

Obras do autor 189

Obra da capa 191

UM JOGO DISSIMULADO

Ana Maria de Almeida

Professora aposentada da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e ex-diretora do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Doutora em literatura comparada pela UFMG.

Helena — inicialmente chamado *Helena do Vale* — pertence à primeira fase da obra machadiana. A obra mantém-se ainda presa aos moldes tradicionais do romance romântico: corresponde às expectativas de um público burguês, principalmente feminino, amante das narrativas melodramáticas publicadas nos periódicos. Seguindo essa linha, o autor desenvolve um tema muito explorado pelos escritores românticos: a obsessão pelo amor impossível ou sacrílego, tornado proibido por leis morais e sociais, que só se resolve com a renúncia total à felicidade ou com a morte.

Helena e Estácio ignoram ser falso o laço de parentesco que os une; procuram acreditar que são irmãos. Entretanto, o amor entre eles aumenta, insinuando-se terno e doentio, para o fascínio e a estranheza do leitor. De repente, a paixão aflora, mal disfarçada pelas palavras, naquela zona intermédia em que o legítimo e o ilegítimo não mais se distinguem, em que o homem parece poder todas as ousadias. É nesse ponto que o espírito romântico, ao mesmo tempo angelical e satânico, revela-se com toda a nitidez.

Obrigado a acompanhar a noiva numa visita de alguns dias a Cantagalo, Estácio escreve a Helena (p. 90):

[...] Escreve-me longamente; conta-me tudo o que houver interessante; fala-me de ti, que é o meio de consolar minhas saudades, que são imensas, imensas como este amor que tenho à minha família toda. Vou fazer por voltar breve. Adeus, minha boa Helena; adeus, minha vida, adeus, ó mais bela e doce de todas as irmãs!

Esse é o ponto culminante de todos os indícios que o autor vai apresentando para a eclosão do conflito sentimental. À primeira vista, parece ser este o único objetivo de Machado: narrar a fatalidade que separa irremediavelmente os seres, o amor frustrado pelas conveniências, para atender as exigências de seu público. Por outro lado, ele analisa cruelmente o

casamento de interesse, a frieza e a futilidade com que se resolvem as uniões conjugais.

Não há somente um núcleo conflituoso. Vários elementos antagônicos se chocam, revelando a estrutura de uma sociedade cujos valores estão em transformação ou decadência: a ausência de aprofundados conceitos morais e religiosos, dissimulada pelos hábitos sociais; a indefinição ideológica e a busca da carreira política como meio de alcançar o prestígio; o bacharelismo e a inutilidade dos estudos; o patriarcalismo e a dissolução do casamento.

Esses aspectos e a mordacidade com que o autor reúne elementos contraditórios atenuam o tom romântico da obra. Tais elementos anunciam o Machado de Assis demolidor e sarcástico da fase posterior. Observe-se, por exemplo, o tom sentencioso e irônico na seguinte passagem do capítulo XIV (p. 85): “Todo o incômodo é aprazível quando termina em legado. Camargo não perdia a esperança desse desenlace igualmente afetuosos e pecuniário”.

Todas as personagens mostram-se alheias às paixões partidárias, e, se revelam algum pendor político, não se empenham nem se comprometem em função de um ideal ou dever. É o caso do conselheiro Vale, que,

Sem embargo do ardor político do tempo, não estava ligado a nenhum dos dois partidos, conservando em ambos preciosas amizades, que ali se acharam na ocasião de o dar à sepultura. Tinha, entretanto, tais ou quais ideias políticas, colhidas nas fronteiras conservadoras e liberais, justamente no ponto em que os dois domínios podem confundir-se. (p. 15-6)

O autor já se preocupa — o que será constante na fase seguinte — em fixar a ambivalência humana, a ambiguidade dos caracteres, fórmula única para ganhar o jogo do hipócrita convívio social. O Dr. Camargo, para quem a política é apenas um meio de projeção pessoal, aconselha a Estácio (p. 51):

Mas a verdade é que não escolheu ainda entre os dois partidos; não tem opiniões feitas. Que importa? Grande número de jovens políticos seguem, não uma opinião examinada, ponderada e escolhida, mas a do círculo de suas afeições, a que os pais ou amigos imediatos honraram e defenderam, a que as circunstâncias lhe impõem. Daí vêm algumas legítimas conversões posteriores.

Todos veem a política com oportunismo ou com aborrecimento, sem dimensionar criticamente as necessidades públicas do momento histórico

que vivem. Essa é a maneira como Machado de Assis apresenta aos leitores a decadência da sociedade no Segundo Reinado e os problemas decorrentes da evolução política e social do país. O autor não os expõe diretamente, com documentos, ou de maneira panfletária. Em vez disso, deixa que os verdadeiros motivos das ações de suas personagens se dissimulem, para que o leitor decifre a lição da duplicidade que rege a existência.

Também Estácio, personagem moldado como herói inteiriço, não escapa à sátira velada do autor, que abre uma brecha na sua integridade romântica. No capítulo VIII, Estácio justifica sua recusa de ingressar na carreira política do seguinte modo: “Eu só me meteria na política se pudesse officiar; mas ser apenas sacristão...” (p. 54).

Cronista irônico, Machado documenta a ambição e a fragilidade dos desígnios humanos, desmascarando e desmitificando a pseudoseriedade dos programas políticos e dos homens públicos. Diz o crítico literário Astrojildo Pereira:

Muitos são, do mesmo modo, os casos e os episódios que refletem os costumes políticos da época, o monopólio da máquina eleitoral nas mãos de privilegiados da fortuna, os métodos de velha politicagem e de intriga partidária, quer nos arraiais governistas, quer nos arraiais oposicionistas.¹

Também estão em choque, no livro, as ambições de dois pais: a de Salvador, miserável, tudo arriscando para elevar socialmente a filha, e a do Dr. Camargo, para quem o amor deve ceder às razões do interesse. Os vencedores são os que se lançam para o futuro, sem remorsos ou compromissos. Helena não se liberta do passado e, por isso, condena a si própria. Não se submete inteiramente às regras que seus parceiros estabelecem para que ela entre no jogo cínico do mundo a que ascende. O dinheiro do pai adotivo garantiria sua vitória, um casamento oportuno.

Um só obstáculo podia haver; eram os escrúpulos do pai de Mendonça. Esse mesmo obstáculo não existia, porquanto, além das qualidades estimáveis da moça, havia o reconhecimento legal e social, público e doméstico; acrescentando (observação do Dr. Matos) que duzentas e tantas apólices mereciam um cumprimento de chapéu e não davam lugar a cinco minutos de reflexão. (p. 88)

Mais do que vítima do sistema, Helena é vítima de si mesma: a existência, assim concebida, rejeita os sensíveis e os escrúpolos. Os vencedores são os indiferentes, os céticos, os acomodados. Os sobreviventes

1 PEREIRA, Astrojildo. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959, p. 37.

são os que se adaptam às circunstâncias, às máscaras da simulação. Seres amorfos, desprovidos de ideias ou providos de conhecimentos inúteis, as personagens machadianas assistem passivamente à passagem do tempo e de sua dissolução. O espetáculo de qualquer resistência culmina na mesma desintegração, pois morte e vida, vitória e derrota são relativos, fatais e necessários à evolução cega dos fatos.

O destino de Helena desmitifica a tragédia como exceção e a recoloca como condição da sobrevivência do mais esperto, do mais forte. Esse relativismo e essa pluralidade de significações, esboçados em *Helena*, vão constituir a base do pensamento machadiano na última fase de sua obra.

A rectangular box with a thin black border and four small square handles at the corners. The name 'Helena' is centered inside the box in a black serif font.

Helena

ADVERTÊNCIA

Esta nova edição de *Helena* sai com várias emendas de linguagem e outras, que não alteram a feição do livro. Ele é o mesmo da data em que o compus e imprimi, diverso do que o tempo me fez depois, correspondendo assim ao capítulo da história do meu espírito, naquele ano de 1876.

Não me culpeis pelo que lhe achardes romanesco. Dos que então fiz, este me era particularmente prezado. Agora mesmo, que há tanto me fui a outras e diferentes páginas, ouço um eco remoto ao reler estas, eco de mocidade e fé ingênua. É claro que, em nenhum caso, lhes tiraria a feição passada; cada obra pertence ao seu tempo.

MACHADO DE ASSIS

O conselheiro Vale morreu às 7 horas da noite de 25 de abril de 1850. Morreu de apoplexia fulminante¹, pouco depois de cochilar a sesta, — segundo costumava dizer, — e quando se preparava a ir jogar a usual partida de voltarete² em casa de um desembargador, seu amigo. O Dr. Camargo, chamado à pressa, nem chegou a tempo de empregar os recursos da ciência; o padre Melchior não pôde dar-lhe as consolações da religião: a morte fora instantânea.

No dia seguinte fez-se o enterro, que foi um dos mais concorridos que ainda viram os moradores do Andaraí. Cerca de duzentas pessoas acompanharam o finado até à morada última, achando-se representadas entre elas as primeiras classes da sociedade. O conselheiro, posto não figurasse em nenhum grande cargo do Estado, ocupava elevado lugar na sociedade, pelas relações adquiridas, cabedais³, educação e tradições de família. Seu pai fora magistrado no tempo colonial, e figura de certa influência na corte do último vice-rei⁴. Pelo lado materno descendia de uma das mais distintas famílias paulistas. Ele próprio exercera dois empregos, havendo-se com habilidade e decoro⁵, do que lhe adveio a carta de conselho e a estima dos homens públicos. Sem embargo do ardor político do tempo, não estava ligado a nenhum dos dois partidos, conservando em ambos preciosas amizades, que ali se acharam na ocasião de o dar à sepultura. Tinha, entretanto, tais ou quais

1 **apoplexia fulminante**: derrame cerebral que provoca morte instantânea. (N.E.)

2 **voltarete**: antigo jogo com baralho de quarenta cartas. (N.E.)

3 **cabedal**: patrimônio, riqueza, fortuna. (N.E.)

4 **último vice-rei**: referência a dom Marcos de Noronha e Brito (1771-1828), que reinou de 1806 a 1808. Foi o 15^a e último vice-rei do Brasil. (N.E.)

5 **haver-se**: proceder, comportar-se; **decoro**: decência, dignidade. (N.E.)

ideias políticas, colhidas nas fronteiras conservadoras e liberais, justamente no ponto em que os dois domínios podem confundir-se. Se nenhuma saudade partidária lhe deitou a última pá de terra, matrona houve, e não só uma, que viu ir a enterrar com ele a melhor página da sua mocidade.

A família do conselheiro compunha-se de duas pessoas: um filho, o Dr. Estácio, e uma irmã, D. Úrsula. Contava esta cinquenta e poucos anos; era solteira; vivera sempre com o irmão, cuja casa dirigia desde o falecimento da cunhada. Estácio tinha vinte e sete anos, e era formado em matemáticas. O conselheiro tentara encarreirá-lo na política, depois na diplomacia; mas nenhum desses projetos teve começo de execução.

O Dr. Camargo, médico e velho amigo da casa, logo que regressou do enterro, foi ter com Estácio, a quem encontrou no gabinete particular do finado, em companhia de D. Úrsula. Também a dor tem suas volúpias; tia e sobrinho queriam nutri-la com a presença dos objetos pessoais do morto, no lugar de suas predileções quotidianas. Duas tristes luzes alumiam aquela pequena sala. Alguns momentos correram de profundo silêncio entre os três. O primeiro que o rompeu, foi o médico.

— Seu pai deixou testamento?

— Não sei, respondeu Estácio.

Camargo mordeu a ponta do bigode, duas ou três vezes, gesto que lhe era habitual quando fazia alguma reflexão.

— É preciso procurá-lo, continuou ele. Quer que o ajude?

Estácio apertou-lhe afetuosamente a mão.

— A morte de meu pai, disse o moço, não alterou nada as nossas relações. Subsiste a confiança anterior, do mesmo modo que a amizade, já provada e antiga.

A secretária⁶ estava fechada; Estácio deu a chave ao médico; este abriu o móvel sem nenhuma comoção exterior. Interiormente estava abalado. O que se lhe podia notar nos olhos era uma viva curiosidade, expressão em que, aliás, nenhum dos outros reparou. Logo que começou a revolver os papéis, a mão do médico tornou-se mais febril. Quando achou o testamento, houve em seus olhos um breve lampejo, a que sucedeu a serenidade habitual.

— É isso? perguntou Estácio.

Camargo não respondeu logo; olhou para o papel, como a querer adivinhar o conteúdo. O silêncio foi muito demorado para não fazer impressão no moço, que aliás nada disse, porque o atribuía à comoção natural do amigo em tão dolorosas circunstâncias.

6 **secretária**: espécie de mesa com gavetas, usada para trabalho e estudo. (N.E.)

— Sabem o que estará aqui dentro? disse enfim Camargo. Talvez uma lacuna ou um grande excesso.

Nem Estácio, nem D. Úrsula pediram ao médico a explicação de semelhantes palavras. A curiosidade, porém, era natural, e o médico pôde lê-la nos olhos de ambos. Não lhes disse nada; entregou o testamento a Estácio, ergueu-se e deu alguns passos na sala, absorvido em suas próprias reflexões, ora arranjando maquinalmente um livro da estante, ora metendo a ponta do bigode entre os dentes, com a vista queda, alheio de todo ao lugar e às pessoas.

Estácio rompeu o silêncio:

— Mas que lacuna ou que excesso é esse? perguntou ao médico.

Camargo parou diante do moço.

— Não posso dizer nada, respondeu ele. Seria inconveniente, antes de saber as últimas disposições de seu pai.

D. Úrsula foi menos discreta que o sobrinho; após longa pausa, pediu ao médico a razão de suas palavras.

— Seu irmão, disse este, era boa alma; tive tempo de o conhecer de perto e apreciar-lhe as qualidades, que as tinha excelentes. Era seu amigo; sei que o era meu. Nada alterou a longa amizade que nos unia, nem a confiança que ambos depositávamos um no outro. Não quisera, pois, que o último ato de sua vida fosse um erro.

— Um erro! exclamou D. Úrsula.

— Talvez um erro! suspirou Camargo.

— Mas, doutor, insistiu D. Úrsula, por que motivo nos não tranquiliza o espírito? Estou certa de que não se trata de um ato que desdoure meu irmão; alude naturalmente a algum erro no modo de entender... alguma coisa, que eu ignoro o que seja. Por que não fala claramente?

O médico viu que D. Úrsula tinha razão; e que, a não dizer mais nada, melhor fora ter-se calado de todo. Tentou dissipar a impressão de estranheza que deixara no ânimo dos dois; mas da hesitação com que falava, concluiu Estácio que ele não podia ir além do que havia dito.

— Não precisamos de explicação nenhuma, interveio o filho do conselheiro; amanhã saberemos tudo.

Nessa ocasião entrou o padre Melchior. O médico saiu às 10 horas, ficando de voltar no dia seguinte, logo cedo. Estácio, recolhendo-se ao quarto, murmurava consigo:

— Que erro será esse? E que necessidade tinha ele de vir lançar-me este enigma no coração?

A resposta, se pudesse ouvi-la, era dada nessa mesma ocasião pelo próprio Dr. Camargo, ao entrar no carro que o esperava à porta:

— Fiz bem em preparar-lhes o espírito, pensou ele; o golpe, se o houver, há de ser mais fácil de sofrer.

O médico ia só; além disso, era noite, como sabemos. Ninguém pôde ver-lhe a expressão do rosto, que era fechada e meditativa. Exumou⁷ o passado e devassou o futuro; mas de tudo o que reviu e anteviu, nada foi comunicado a ouvidos estranhos.

As relações do Dr. Camargo com a família do conselheiro eram estreitas e antigas, como dissera Estácio. O médico e o conselheiro tinham a mesma idade: cinquenta e quatro anos. Conheceram-se logo depois de tomado o grau, e nunca mais afrouxara o laço que os prendera desde esse tempo.

Camargo era pouco simpático à primeira vista. Tinha as feições duras e frias, os olhos perscrutadores e sagazes, de uma sagacidade incômoda para quem encarava com eles, o que o não fazia atraente. Falava pouco e seco. Seus sentimentos não vinham à flor do rosto. Tinha todos os visíveis sinais de um grande egoísta; contudo, posto que a morte do conselheiro não lhe arrancasse uma lágrima ou uma palavra de tristeza, é certo que a sentiu deveras. Além disso, amava sobre todas as cousas e pessoas uma criatura linda —, a linda Eugênia, como lhe chamava, — sua filha única e a flor de seus olhos; mas amava-a de um amor calado e recôndito. Era difícil saber se Camargo professava algumas opiniões políticas ou nutria sentimentos religiosos. Das primeiras, se as tinha, nunca deu manifestação prática; e no meio das lutas de que fora cheio o decênio anterior, conservava-se indiferente e neutral. Quanto aos sentimentos religiosos, a aferi-los pelas ações, ninguém os possuía mais puros. Era pontual no cumprimento dos deveres de bom católico. Mas só pontual; interiormente, era incrédulo.

Quando Camargo chegou à casa, no Rio Comprido, achou sua mulher, — D. Tomásia, — meio adormecida numa cadeira de balanço e Eugênia ao piano, executando um trecho de Bellini⁸. Eugênia tocava com habilidade; e Camargo gostava de a ouvir. Naquela ocasião, porém, disse ele, parecia pouco conveniente que a moça se entregasse a um gênero de recreio qualquer. Eugênia obedeceu, algum tanto de má vontade. O pai, que se achava ao pé do piano, pegou-lhe nas mãos, logo que ela se levantou, e fitou-lhe uns olhos amorosos e profundos, como ela nunca lhe vira.

— Não fiquei triste pelo que me disse, papai, observou a moça. Tocava por distrair-me. D. Úrsula como está? Ficou tão aflita! Mamãe queria demorar-se mais tempo; mas eu confesso que não podia ver a tristeza daquela casa.

7 **exumar**: desenterrar; retirar do esquecimento. (N.E.)

8 **Bellini**: Vincenzo Bellini (1801-1835), célebre compositor italiano de óperas. (N.E.)